



XVIII SIMPURB  
Simpósio Nacional  
de Geografia Urbana  
2024 Niterói

Uma agenda para  
a democratização  
da cidade

3 a 7 DEZ

Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Geociências - Campus da Praia Vermelha

## GT – 8 “GEOGRAFIA E APROPRIAÇÃO URBANA: ENSINO DE CIDADE E DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS”

### PENSANDO A CIDADE A PARTIR DO ESPAÇO VIVIDO: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PARA ENTENDER OS IMPACTOS AMBIENTAIS

Davi Laurentino da Silva

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Faculdade Formação de Professores (UERJ -FFP)

davilaurentinogeo@gmail.com

**RESUMO:** entre 5 e 10 linhas em fonte Times New Roman tamanho 12, em espaçamento 1

**Palavras-chave:** três palavras-chave, em fonte Times New Roman tamanho 12

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo refletir o ensino das cidades por meio do olhar geográfico, como um auxiliador nas percepções do espaço urbano e nos cuidados do mesmo. Parte do pressuposto da discussão de ensino da cidade é levado em conta a realidade de seus indivíduos, pois a realidade educacional do aluno é moldada pelas situações, experiências práticas ou atividades baseadas na realidade imediata. Dessa maneira, a cidade desempenha um caráter educativo ao fornecer um espaço enriquecedor para a aprendizagem, de acordo com o espaço vivido de cada um. Entretanto, esse demasiado crescimento das cidades por meio da concentração de atividades econômicas e entre outros fatores, colaboram para os impactos ambientais e alterações no espaço. As metodologias utilizadas para a discussão foram de meios como revisões bibliográficas, sites e outros meios de pesquisas.

**Palavras-chave:** Cidade; educação urbana; impactos ambientais.

#### 1. INTRODUÇÃO

---

A rápida expansão e a concentração populacional especificamente nas áreas urbanas têm acarretado significativos impactos sociais, econômicos e ambientais. A cada dia o homem e as suas ações exercem controle sobre a natureza, gerando alterações em sua dinâmica e consequentemente, modificando o espaço a sua volta. Deste modo, as diferentes produções

socioespaciais afetam o modo de vida de toda uma população ao trazer diversos problemas ligados aos impactos socioambientais no meio urbano.

Para Corrêa, “o espaço urbano é visto enquanto objetivação geográfica dos estudos da cidade apresenta, simultaneamente, várias características que interessam ao geógrafo. É fragmentado e articulado, reflexivo da condição social, e campo simbólico e de lutas” (2005, p.145). Do mesmo modo, a expansão desses espaços urbanos promove uma maior concentração de pessoas, e desencadeando maiores atividades diárias, como a utilização de transporte público, ida ao trabalho, acesso aos estudos com mais facilidade e entre outras rotinas. E nesse espaço urbano está inserido o espaço social, ou seja, os atores principais de toda trama da vida real. E eles demonstram o elo entre as diversas interações do espaço-indivíduo, resultando em novas práticas para a sociedade por meio das modificações e das diversas formas de organização e reorganização espacial ao longo dos tempos Harvey (2013). Acredita-se, que o espaço social se dá pela criação e adoção de representações imaginárias dentro de um ambiente físico específico, em conformidade com Sacramento e Souza (2016).

Nesse contexto, o ensino das cidades por meio do olhar geográfico entra como uma possibilidade nas percepções do espaço urbano e para os cuidados do mesmo. Pois, esse ensino colabora para a formação social do indivíduo e sua percepção crítica dos elementos e as dinâmicas do espaço em que vive. Para Lambert (2016) o pensar geográfico na educação das crianças em relação às características físicas e humanas do planeta Terra é fundamental, pois regem o espaço vivido de cada uma delas.

Para isso, ao debater o ensino das cidades, é essencial a consideração da realidade dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a maneira como o ensino é mediado terá um impacto significativo na forma como esses indivíduos compreendem o conhecimento e interpretam o mundo ao seu redor. Portanto, é de extrema importância adotar abordagens didático-pedagógicas que ajudem na construção do conhecimento, por meio de experiências práticas inseridas em contexto diário dos estudantes. Assim sendo, essa disciplina apresenta o mundo real, logo, é por meio desta que os alunos se relacionam com a amplitude do mundo. Um exemplo disso é o estado do Rio de Janeiro e suas demais cidades, que ao longo do tempo passam por transformações influenciadas por interesses corporativos e políticos, resultando

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

em novas paisagens e práticas sociais. Em virtude disso, a cidade desempenha um caráter educativo e significativo ao fornecer um espaço enriquecedor para a aprendizagem, de acordo com o espaço vivido por cada um. Para essa discussão foram levadas em conta referências no ensino, como Sacramento (2012), Callai (2012), Foucher (1989), Guerra e Cunha (2001), Santos (1978, 2007, 2008), Carlos (1996,1997), Cavalcanti (2001, 2008), Silva (2015) entre outros autores para fomentar esse debate, a fim de analisar o ensino por meio do olhar geográfico, os diversos contextos sociais e os impactos antrópicos.

O espaço urbano está sujeito a enfrentar impactos ambientais que interfiram e agem diretamente nas vidas de seus habitantes, pois sofrem significativas alterações no relevo devido à construção que não respeitam a legislação ambiental, que não leva em consideração as restrições impostas pelo relevo e pelos diversos tipos de solos presentes Guerra e Cunha (2001). Assim, os riscos ambientais têm se intensificado no meio urbano, causando impactos cada vez mais presentes, como: chuvas intensas, enchentes, deslizamentos de encostas, alagamentos etc. Com isso, ensinar a respeito dos conteúdos relacionados aos aspectos físico-naturais e trabalhar as prevenções de riscos pode contribuir para uma “Geografia mais comprometida e integrada à realidade social e ambiental, capaz de estimular o desenvolvimento de habilidades e competências cognitivas e que trate das restrições e oportunidades que o meio físico representa na vida cotidiana dos alunos e professores” (AFONSO, et al., 2012). Nos últimos anos, alguns autores têm se dedicado a trabalhar essas questões e suas práticas, como Afonso (2013,2015), Monteiro (2003), Tarôco, Ferreira e Souza (2015), Amorim (2017), entre outros.

O objetivo do texto é compreender como os diversos impactos antrópicos causados no meio urbano podem colaborar para o ensino de Geografia na prevenção e conscientização dos riscos ambientais no estado do Rio de Janeiro. A proposta aqui apresentada é parte do Projeto de Pesquisa “Propostas e Materiais didáticos para professores de Geografia do estado do Rio de Janeiro” financiado pelo Apoio a Projetos Temáticos no estado do Rio de Janeiro (2022-2026) financiado pela FAPERJ e Projeto Universal financiado pelo CNPQ (2022-2025).

No primeiro subitem, foi ressarcido a análise da cidade e o pensamento da mesma; no segundo, discutiu-se o ensino no espaço urbano e a importância da educação geográfica como

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

ciência para a compreensão do espaço vivido pelos cidadãos no estado do Rio de Janeiro e suas cidades; e por último, pensou-se os diversos contextos sociais e os impactos antrópicos no meio urbano, apresentando possíveis soluções para precaver os riscos e seus futuros impactos. Deste modo, esses tópicos foram a base para a formação deste trabalho.

## **2. PENSAR E ENSINAR A CIDADE**

Para iniciar, é pertinente abordar a concepção da cidade, a qual tem sido objeto de intensas discussões recentemente, em virtude de suas diversidades, características físico-humanas e dos processos de transformação que influenciam o modo de vida nesse espaço. Segundo a definição de Lefebvre, a cidade é compreendida como "um objeto espacial que ocupa um lugar e uma situação" (1972, p. 65). Em concordância, Carlos (1997) afirma que a cidade se estrutura em bairros distintos, com a classe alta geralmente ocupando áreas centrais ou afastadas em condomínios fechados, enquanto a classe baixa tende a viver em bairros periféricos ou locais irregulares, sendo marginalizada pela sociedade. De acordo com as afirmações, pode-se dizer que a cidade como estrutura física nos oferece diversas interpretações do espaço habitado, da territorialidade, da posição do habitante e das paisagens refletidas da sociedade.

Nesse contexto, torna-se crucial refletir sobre a cidade e suas questões, o que Santos (1994, p.118) caracteriza como “a cidade é um grande meio de produção material e imaterial, lugar de consumo e comunicação”, onde se convertem em espaços contínuos de interação, impulsionando incessantemente o fluxo de pessoas e de recursos, assim, essa reorganização altera substancialmente a relação entre espaço, natureza, tempo, sociedade e demais elementos presentes nesse contexto urbano Oliveira (2014).

Por isso, em virtude dessa conjuntura de elementos e das suas transformações espaciais no urbano, Bauman (2009) descreve essas mudanças como um movimento duplo: de um lado se encontra as funções mais avançadas do capitalismo localizadas nas grandes cidades devido às lógicas de rede, na qual esses centros urbanos desempenham um papel estrutural fundamental; e do outro lado, com essas transformações nas cidades, surgem novos fluxos populacionais e uma profunda distribuição de renda: tanto nos bairros abastados, com o

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

surgimento de uma elite global; quantos nas áreas menos favorecidas, expandindo os subúrbios e concentrando conseqüentemente as populações marginalizadas.

Os efeitos dessas transformações geram desigualdades: bairros centrais se valorizam, enquanto áreas periféricas sofrem marginalização. Os mais ricos se protegem em espaços seguros, os mais pobres sofrem mais, resultando em medo e divisão social nas cidades. Por meio dessas condições, pessoas todos os dias se encontram em situações de vulnerabilidade, causadas pela falta de políticas públicas que os amparem nessas condições.

Logo, “a organização da cidade atual pressupõe a consideração de factores políticos, económicos, sociais, culturais e tecnológicos de hoje”, em diferentes contextos (FERNANDES, 2008, p. 330). Pensar a cidade é salientar a sua importância como um “espaço social”, resultante das relações Souza (2011). Por conseguinte, refletir, analisar e relacionar a sua prática, considerando a cidade como um tema de estudo, permite a exploração de ideias que promovam o pensamento crítico, a consciência e a organização do espaço entre os estudantes, ressaltando a relevância da Geografia para compreender a consciência espacial; pensar a cidade é fundamental para entender as dinâmicas urbanas e suas interações com o ambiente e a sociedade.

Numa perspectiva pedagógica, Cavalcanti (2011) ressalta que a cidade exerce um papel educativo ao influenciar, moldar valores e comportamentos. A partir disso, “pensar o ensino e a construção de uma formação cidadã é uma forma de conscientizar os estudantes sobre seus direitos, suas ações para compreender a importância de lutar por igualdade social, ambiental e econômica” (SACRAMENTO, 2017, p.104). Logo, a adoção de abordagens pedagógicas que possam promover uma formação integral, priorizando a cidadania, autonomia e a liberdade dos cidadãos é positiva.

Por conseguinte, as práticas educacionais nesses ambientes urbanos assumem uma importância significativa, uma vez que refletem as especificidades do mundo contemporâneo, que se manifestam em contextos locais a partir de questões universais, como os fenômenos da globalização. Nesse sentido, conforme Santos (2007, p. 140) destaca,

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

Na grande cidade, há cidadãos de diversas ordens ou classes, desde aquele que, abundante em recursos, pode desfrutar plenamente da metrópole, até aquele que, por carência de meios, apenas a utiliza de forma parcial, assemelhando-se a uma pequena cidade ou a um ambiente local.

Isso ressalta a importância de reconhecer a educação como um direito fundamental de todos os jovens e crianças, sendo dever das famílias e principalmente do Estado vigente no qual estão inseridos. Conforme apontado pelo autor, embora o Estado seja de todos, ele não atende igualmente a todos, o que acarreta desigualdades que impactam diretamente a educação nas áreas urbanas.

Por certo, a educação por meio da perspectiva geográfica desempenha um papel crucial na promoção da cidadania educacional ao explorar os temas geográficos e desenvolver conceitos para análises que buscam estimular a formação cidadã, além de permitir um olhar para o meio ambiente e as questões de sustentabilidade. Nesse contexto, é de suma importância adotar uma abordagem geográfica mais crítica no cenário urbano da educação, a fim de compreender as interações envolvidas. Pois, a Geografia, enquanto ciência que estuda elementos naturais, também busca compreender as atividades humanas que consistem em práticas e conhecimentos espaciais interligados, que refletem a vida humana como uma série de ações práticas com dimensão espacial, Moreira (2017).

Portanto, no campo educacional, faz-se necessário repensar tanto o conteúdo quanto a forma de apresentação, incorporando novas estratégias para enriquecer e revitalizar o ambiente de aprendizagem, neste caso refere-se à cidade e a aplicação dos problemas socioambientais. Contudo, esse processo implica em redefinir os papéis desempenhados pelo professor e pelo aluno, além de revisitar os espaços e recursos utilizados no processo de ensino da Geografia, pois, é essencial que o aluno desenvolva seu próprio pensamento crítico em seu meio, ao invés de simplesmente reproduzir as perspectivas críticas do educador Ramão (2011). Em afirmativa

O papel da Educação e, dentro dessa, o do ensino de Geografia é trazer à tona as condições necessárias para a evidência das contradições da sociedade a partir do espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo com o presente e, a partir daí, uma outra possibilidade para a condição da existência humana. (STRAFORINI, 2004, p.56)

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

Ao passo que, caracteriza-se esse espaço urbano como um conjunto de pontos, linhas e áreas, que pode ser analisado considerando a percepção dos seus habitantes; outra forma de observação é a análise de sua estrutura social, suas funções urbanas e possíveis conflitos Corrêa (1995). Concomitante a esse diálogo, esse espaço passa por constante evolução, moldada pelas experiências dos cidadãos, com o intuito de quebrar a concepção de uma cidade inerte. Na cidade é viável adquirir conhecimento através de variadas entidades educativas e culturais, tanto formais quanto informais, pois essas vivências, interações e recursos urbanos transformam o espaço em um meio educacional enriquecedor Brarda e Ríos (2004). Ainda nesse sentido, nas escolas, essa perspectiva se amplia quando a abordagem oferece diversas oportunidades para que o ensino de Geografia possa contribuir para a formação de cidadãos críticos diferentemente do “estudo estático baseado em livro didático provoca um maior interesse por parte dos alunos em aprender, observando e fazendo leituras do espaço geográfico com sua dinâmica, diversidades e conflitos” (PASSINI, 2007, p. 173). Diante disso, são os próprios habitantes que se tornam agentes transformadores desses espaços.

Indubitavelmente, a cidade deve ser acessível e ocupada pelos seus habitantes, sendo necessário desenvolver metodologias práticas e pedagógicas para compreender os diversos aspectos envolvidos na construção da cidade. A mesma deve ser integrada à natureza, além de vista como tal, sendo essencial respeitá-la e conservá-la como natureza sem reduzi-la a simples elementos decorativos ou valores comerciais de um sistema capitalista Melazo (2005). A cidade progride ao se comprometer com a educação, o aprendizado e a imaginação; além do contato empírico exercido pelo homem. Então, a formação de valores nas cidades, a segregação, a expansão das periferias e a criação de pontos centrais estão todos entrelaçados, sendo fruto das maneiras como diferentes grupos sociais ocupam e se apropriam dos lugares Cavalcanti (2011). Desse modo, sua responsabilidade com a educação está relacionada ao nosso posicionamento político e à forma como exercemos o poder na cidade, buscando atender às necessidades da comunidade por meio de políticas públicas, cultura, educação, saúde, transporte e lazer.

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

Diante disso, a implementação de políticas públicas ambientais é essencial para garantir a proteção e o bem-estar das populações que são diariamente afetadas e dependem dos recursos naturais e de seus territórios como meio de subsistência Oliveira e Corona (2008). Assim, o ensino da cidade e o olhar geográfico na mesma, “forma valores, comportamentos, informa com sua espacialidade, com seus sinais, com suas imagens, com sua escrita, também como é um conteúdo a ser apreendido por seus habitantes”, de acordo com Cavalcanti (2012).

### **3. A EDUCAÇÃO E O OLHAR SOBRE A QUESTÃO URBANA NO RIO DE JANEIRO**

A educação tem como propósito preparar o sujeito para o desenvolvimento de suas atividades ao longo de toda a sua trajetória de vida. Porém, ela adquire sentido quando entendemos que o sujeito deve não só acumular conhecimento, mas constantemente renová-lo, experimentá-lo e compartilhá-lo de toda forma. Deste modo, as representações individuais do espaço são essenciais na análise geográfica, pois refletem como as pessoas percebem e interagem com o ambiente ao seu redor, destacando a importância de compreender a mente humana para estudar seu comportamento em relação ao espaço, conforme destaca a autora Lencioni (2003). Entretanto, todos os dias, pessoas são afetadas por esse território e por essas relações, impossibilitando sua mobilidade, sua qualidade de vida e sua liberdade. Em razão disso, Fiorillo, (2005, p.39) acrescenta que a “cidade só será cumprida quando proporcionar aos seus habitantes uma vida com qualidade, propiciando de fato e de direito o exercício dos direitos fundamentais”.

Devido a sua expansão é considerável pensar na presença de problemas resultantes devido ao rápido crescimento urbano e a desigual construção do espaço que se reflete em precariedade habitacional, segregação socioespacial, degradação ambiental e problemas de infraestrutura, ampliando as injustiças e desigualdades sociais nas cidades.

A Figura 1 mostra a concentração da mancha vermelha (na qual representa as áreas urbanas) sobre o estado do Rio de Janeiro. Em vista disso, também é revelada a exacerbada ação antrópica e os seus domínios sobre o espaço apresentado, em afirmativa: “o sujeito

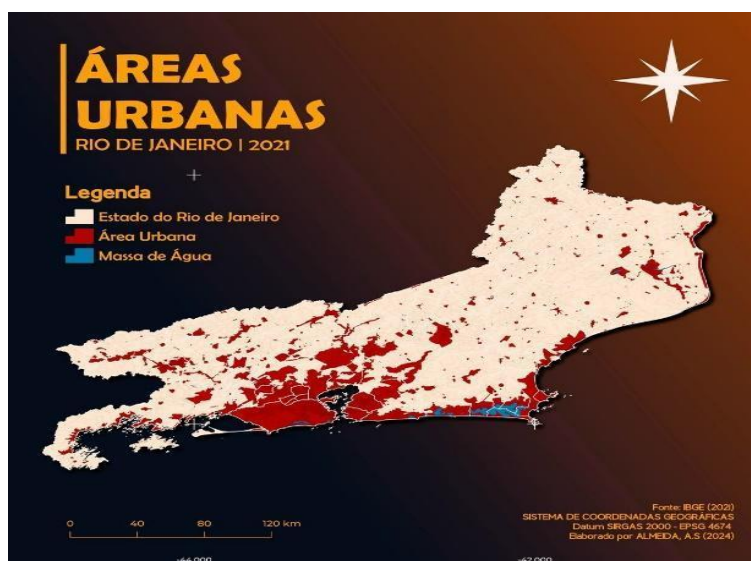
<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida. [...]. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si.” (CARLOS, 1996, p. 29).

Ainda é importante destacar uma significativa interação entre o espaço urbano e o espaço social, no qual dentro das suas áreas dominadas, encontram-se regiões populares, resultando em um padrão de proximidade geográfica entre grupos que ocupam posições desiguais na estrutura social. As consequências dessa concentração irão afetar consequentemente as condições de vida de seus habitantes, já que haverá carências nos serviços de saneamento por conta da demanda, a falta de acesso aos meios de transporte público, defasagem nas vias públicas entre outros fatores que integram o dia a dia no Rio de Janeiro e demais cidades.

Figura 1- Áreas urbanas no estado do Rio de Janeiro



Fonte: IBGE (2021) - Elaborado por ALMEIDA, A.S (2024)

Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C8M1Os3uRD\\_/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/C8M1Os3uRD_/?utm_source=ig_web_copy_link)

Sob esse viés, o ensino de Geografia visa formar alunos capazes de compreender a complexidade do mundo e das questões socioespaciais, para que possam participar de forma ética na transformação de seus ambientes de convivência. Nesse sentido, cabe aos docentes

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

formados nesta área do saber (Geografia) dialogar com seus alunos e orientá-los sobre as dinâmicas do espaço urbano Callai (1996). Pois, sob essa perspectiva, desenvolverá um senso crítico nos alunos, levando-os a observar, descrever, confrontar e analisar o espaço em que vivem. Dessa maneira, com essa abordagem mediada pelo professor, o conteúdo será ensinado com mais facilidade pelos alunos, considerando que muitos se deparam e vivenciam situações de risco e precariedade. Assim, com alunos conscientes, eles se tornam mais preparados e informados para avaliar e lidar com meio inserido.

Abordar os problemas urbanos do Rio de Janeiro é uma discussão importante nos dias atuais, já que se tornam pertinentes esses impactos na vida dos cidadãos. Ao analisar uma matéria do site G1 (2024), no qual apresentam o estado do Rio de Janeiro e suas problemáticas, apresentam que entre as suas complicações estão: “Ocupação irregular das margens de rios; áreas densamente habitadas; falta de políticas habitacionais; poluição; falta de coleta adequada de lixo; rios assoreados; falta de educação ambiental; baixo investimento em prevenção por parte do poder público; falta de planejamento integrado entre governos federal, estadual e municipal”. Refletir sobre o ensino de Geografia envolve analisar os conhecimentos geográficos de forma significativa para os alunos, promovendo ações que reestruturem conteúdos, inovem procedimentos e estabeleçam objetivos claros Castellar (2005).

Acrescenta-se que, a gênese dessa discussão se dá pela compreensão de lugar; no caso, o espaço urbano/cidade. Em vista disso, a educação urbana, considera a construção de saberes e competências a partir das experiências dos alunos. Como também afirma Sacramento (2012), sobre a relevância da incorporação das linguagens do cotidiano (textos, jornais, revistas científicas, internet, entre outras) e da integração dos conteúdos abordados em sala de aula é fundamental para promover uma aprendizagem significativa a respeito das questões socioambientais.

Ademais, os conteúdos escolhidos para a sala de aula podem promover o acesso aos conhecimentos sociais, favorecer o desenvolvimento e a cidadania dos alunos, e funcionar como um espaço educativo e informativo Vesentini (1989) O estado do Rio de Janeiro passa por mudanças influenciadas ao longo do tempo, resultando nas transformações das paisagens

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

conforme o capitalismo imobiliário. Estudar esse estado e suas ações proporciona aos estudantes novas perspectivas sobre a vida cotidiana e como eles interpretam a sua realidade.

Em sua análise posterior Couto (2016), sugere repensar a escolha e organização dos conteúdos de Geografia como uma ciência espacial no currículo educacional, propondo um novo modelo de abordagem. Com isso, salienta-se buscar uma contextualização mais profunda dos conteúdos desta disciplina com o espaço vivido pelos estudantes, visando uma aprendizagem mais significativa e conectada com o ambiente ao seu redor, a fim de considerá-la como uma disciplina que envolve práticas e conhecimentos espaciais, os alunos podem desenvolver uma compreensão mais abrangente e relevante.

Destacar essa discussão é de suma importância para fomentar o engajamento de movimentos sociais, dos educadores, estudantes e demais partes interessadas neste assunto, visando dar atenção às disparidades sociais presentes na educação, então para que o ensino de Geografia contribua para a formação dos alunos no conceito de cidade como uma ferramenta para análise geográfica global, é considerável não basear o conteúdo escolar apenas em um conjunto de conceitos isolados. No contexto da sustentabilidade e dos impactos socioambientais, é considerável abordagens educacionais que promovam a conscientização e sensibilização dos indivíduos, estimulando uma postura de preservação e contribuindo para a formação de sujeitos com novos paradigmas de pensamento, compreensão e ação em relação ao próximo e ao mundo circundante Branco, Royer e Godoi-Branco (2018).

Deste modo, desde os anos iniciais do ensino fundamental os alunos aprendem a ter o contato empírico com o espaço em que vive e com se dá às relações pessoais no seu espaço social, não só isso, mas também com as questões de sustentabilidade e as trocas entre aluno-professor quando buscam entender os ambientes de forma integrada, promovendo relações de igualdade para lidar com conflitos através do diálogo e das experiências. Segundo Brito (2012) pensar o ensino de Geografia remete uma reflexão sobre a realidade e o contexto em que vivem os sujeitos envolvidos, a fim de valorizar o cotidiano e a realidade do país e da comunidade que estes estão inseridos. Ainda nessa visão o “encontro/confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

científica, do espaço concebido por esta ciência, que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do espaço vivido” (CAVALCANTI, 2008, p. 141).

Logo, destaca-se a relevância da formação humanizada que considera o ambiente social do aluno, favorecendo o crescimento da consciência cidadã e a compreensão dos direitos e responsabilidades na sociedade. Por isso, no Rio de Janeiro e em suas cidades, o avanço da ciência e da troca de práticas que possam melhorar o ensino de Geografia “o desenvolvimento de capacidades e habilidades, para que as pessoas possam viver de forma mais plena na cidade, usufruindo seus benefícios, para além das possibilidades restritas ao lugar onde vivem em seu cotidiano imediato” (CAVALCANTI, 2008, p. 150). Para isso, a educação urbana deve despertar nas pessoas um olhar crítico sobre as relações com o espaço da cidade, identificando potencialidades e possibilidades futuras para a melhora das questões socioambientais.

#### **4. UM OLHAR PARA OS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS**

Os riscos ambientais têm contribuído para o aumento dos impactos socioambientais, resultando em danos significativos nas áreas urbanas e rurais Almeida (2012). Sendo discutido o tema tanto nas mídias sociais quanto em projetos e pesquisas relacionados à educação ambiental e à prevenção de riscos naturais.

Nos dias atuais, observa-se um aumento na abordagem das mudanças climáticas e de suas repercussões na população, ainda mais, os efeitos dessas mudanças são cada vez mais evidentes, como: chuvas intensas, enchentes, deslizamentos de encostas, alagamentos e secas, destaca Oliveira e Cardoso (2019). Deste modo, tais transformações no ambiente urbano, fruto da intervenção humana, aliadas à ocupação irregular de áreas vulneráveis, têm gerado uma diversidade de riscos que impactam a vida em sociedade, colocando em risco a segurança de todos. Assim, esses fenômenos naturais decorrentes das mudanças climáticas até acidentes de diversas naturezas que ocorrem com frequência, o risco se tornou uma realidade constante ligada à ação do ser humano.

Na visão de Monteiro (1976, p.57) o “clima urbano é a modificação substancial de um clima local, não sendo possível ainda decidir sobre o ponto de concentração populacional ou

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

densidade de edificações em que essa notável mudança principia”. Com isso, o aumento das temperaturas nos centros causa como exemplo: muita emissão de carbono, do gás metano e outros gases poluentes devido ao aumento do uso de automóveis, queima de combustíveis nas fábricas e indústrias etc. Devido a esses fatores, o ar nas cidades se torna mais poluído e seus moradores são mais propensos a problemas respiratórios.

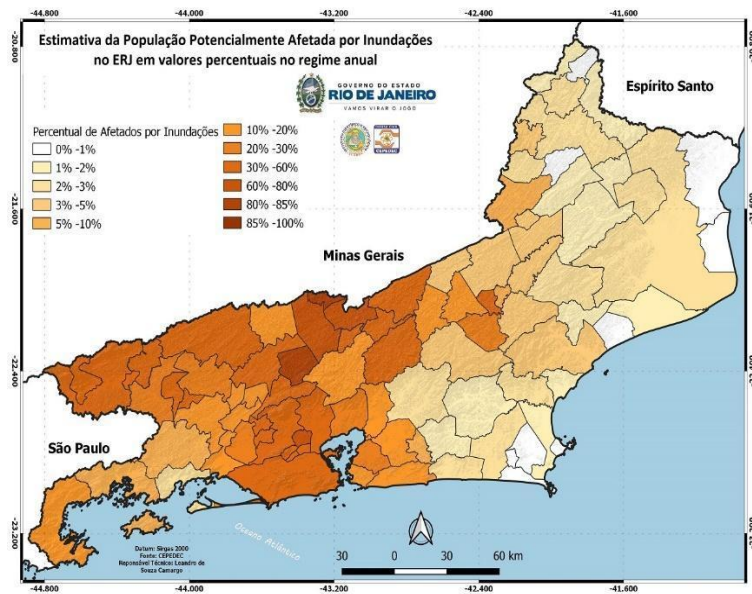
Devido a isso, teóricos caracterizam as áreas nas cidades que apresentam temperaturas elevadas em relação às demais à sua volta como Ilha de Calor. Além de algumas dificuldades já relatadas, outros fatores corroboram para esses centros quentes, como a retirada de árvores nas cidades, já que elas são umas das ferramentas fundamentais para a manutenção da vida; os asfaltamentos de ruas e estradas, onde compacta o solo e impossibilita a permeação de água e contribuindo para as enchentes e alagamentos, também, absorvem muito calor por conta da coloração e assim o seu albedo é baixo; a presença de altos edifícios no qual prejudicam a circulação do ar nos centros urbanos e afetando no clima urbano e vida da sociedade, assim provocando alterações nos processos dinâmicos da atmosfera Amorim (2017).

Sobretudo, muitos alunos estão expostos às situações precárias e de riscos, e frequentemente não recebem orientação ou preparo para lidar com os desafios das mudanças climáticas, prevenção de enchentes, entre outros. Observa-se, no estado do Rio de Janeiro a ocorrência de eventos como as chuvas e enchentes na Região Serrana (2011), o deslizamento no Morro do Bumba (2010) e escorregamentos em Angra dos Reis (2002, 2010). Nesse contexto, Silva (2015, p. 68), ao abordar esses desastres naturais no estado afirma que “classificar situações de deslizamentos e inundações como desastres passou a ser comum, embora muitas vezes enquanto desastres naturais, e não como desastres construídos a partir de dinâmicas sociais e institucionais.”. Portanto, apesar de conhecer seu ambiente, é essencial saber lidar com as ações naturais e como evitar alguns desses problemas conforme indica (AFONSO, 2015).

Figura 2. Estimativa da produção suscetível a ser afetada por inundações.

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades



Fonte: DEFESA CIVIL (RJ,2020)

Disponível em: <https://www.defesacivil.rj.gov.br/images/artigos/20200826/20200826-FOTO1.jpg>

Haja vista, a representação da Figura 3, de acordo com a Defesa Civil do RJ (2020) o estado é favorável a ser afetado pelas inundações; o que tem sido visto todos os anos, causando inúmeros estragos e mortes. Por causa disso, é necessário dialogar com a sociedade sobre os riscos que são inerentes a ela, inclusive como uma medida preventiva e para compreender sua realidade, a fim de saber como agir em situações extremas, logo, ressalta a necessidade de investimentos na educação urbana e melhorias na educação do estado, pois

Os desastres naturais estão presentes em todo o planeta e são resultados de forças e processos da natureza podendo ser agravados pela ação humana. Partindo deste pressuposto, entende-se que a escola possui papel relevante na formação de cidadãos que saibam analisar e avaliar situações referentes aos processos naturais, aos sociais e a formação de áreas de riscos ambientais. No contexto da escola, o processo de ensino-aprendizagem na área de Geografia ganha destaque, na medida em que esta ciência contempla os conteúdos essenciais para o entendimento da problemática. (TARÓCO; FERREIRA; SOUZA, 2015, p. 54)

Por certo, as questões ambientais têm sido amplamente discutidas em diversos campos do conhecimento devido aos constantes impactos nas comunidades. Em virtude disso, é fundamental a conscientização e o ensino para prevenir riscos nessas localidades, refletindo a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para a preservação do meio ambiente e a busca por soluções sustentáveis diante desse cenário desafiador. Destaca-se mais uma vez, “o

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

ensino da Geografia deve conter em si a reflexão constante sobre o ambiente vivido, prevendo a construção da cidadania” Afonso (2015, p.89).

Nesse viés, a integração dos conhecimentos do cotidiano dos educandos pode ser uma forma de abordagem para promover uma aprendizagem significativa, levando em consideração o impacto das atividades humanas nos processos sociais e naturais. Esse enfoque é particularmente relevante para os alunos que vivem em áreas com infraestrutura precária, escassez de serviços básicos, falta de segurança e baixa qualidade de vida, tornando-os mais vulneráveis aos efeitos adversos de fenômenos naturais. Portanto, o estudo dos riscos naturais é fundamental para desenvolver a compreensão dos alunos sobre os agentes físico-ambientais. De acordo com Oliveira e Cardoso (2019), desenvolver o conhecimento, reconhecer, avaliar e evitar riscos desnecessários promovem a consciência e a capacidade de tomar decisões informadas.

Por exemplo, os impactos ambientais nas praias de Cabo Frio, como aponta o site CNN Brasil (2024), ao destacar a falta de atuação da prefeitura de Cabo Frio em fiscalizar as praias, como também as questões da faixa de areia da Praia do Forte sendo ocupada à noite, de forma contínua, por barracas e equipamentos ligados a atividades comerciais privadas, agravando ainda mais o problema constante da superlotação das praias. Dessa maneira, o aumento disso, como também "a expansão imobiliária, o aumento do turismo e a consequente concentração de pessoas na zona costeira vêm causando alterações cada vez mais intensas nesses ambientes” (ECCARD, SILVA, SILVESTRE, 2017, p.41-42). Sabe-se que as praias são utilizadas para o turismo, mas também do ponto de vista comercial e industrial sendo alvo desses impactos.

Evidentemente, os conteúdos físico-naturais enfatizam as abordagens à natureza e aos seus fenômenos, a saber, “por exemplo, quando os professores desenham rios, montanhas, serras, fenômenos climáticos ou elementos sociais, os desenhos ou esquemas se tornam uma maneira lúdica de aprendizagem para os alunos” Sacramento (2017, p. 50). Portanto, o professor pode apresentar esse conteúdo com uma metodologia que auxilie no desenvolvimento do aluno, refletindo sobre sua realidade, respeitando sua história e ajudando-

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

o a compreender seu papel na sociedade como cidadão, promovendo uma visão crítica, a partir de uma cidade que possa educá-lo para essas leituras e análises geográficas.

Para a facilitação do ensino dos riscos naturais nas cidades, observar a ocupação de encostas, poluição do ar e água, e áreas de perigo próximas a escolas facilita o ensino de riscos naturais nas cidades, estimula o pensamento crítico e ação social de alunos e professores. Por certo, Cabral, Cecim e Straforini (2021) afirmam que o ensino de Geografia se fundamenta na observação dos fenômenos geográficos, interposta pela relação do espaço e o interlace das características geográficas, como: espaço, paisagem, território, região e lugar. Logo, a abordagem dos fenômenos geográficos em sala de aula e a busca por conectar esses conteúdos à realidade urbana são elementos fundamentais no ensino de Geografia, uma vez que as representações do cotidiano estão intimamente ligadas aos elementos espaciais.

Com o propósito de conscientizar os cidadãos, o Serviço Geológico do Brasil – CPRM (2019) lançou uma cartilha nomeada de “Comunidade mais segura: Mudando Hábitos e Reduzindo Riscos de Movimentos de Massas e Inundações” a fim de fornecer conhecimentos básicos sobre desastres naturais, especialmente movimentos de massa e inundações, seu conteúdo é direcionado ao público em geral, não especialistas na área, com foco em estudantes e moradores de comunidades e assentamentos precários. Em detrimento disso, serão descritas as propostas de prevenção de riscos dada por essa cartilha.

De acordo com CPRM (2019), as causas dos movimentos de massa se dão por muitos fatores e são decorrentes, devido às características naturais do terreno. A razão disso se dá pelo que vem sendo discutido desde o início desse trabalho, com o aumento da urbanização, os indivíduos acabam se alocando em áreas vulneráveis de encostas se tornando alvos de um possível desastre futuro. Por isso, a cartilha se torna fundamental para a apresentação de problemas e causas, assim a proposta de introduzir a educação socioambiental promove um espaço de diálogo fundamental na sociedade, a fim de conscientizar os cidadãos. Permitindo a preparação e a resiliência das comunidades em risco diante dos desastres ambientais.

A partir disso, moldam-se estratégias para o cuidado e a aplicação disso no ensino. Portanto, a apresentação do conteúdo em questão deve ser realizada de maneira clara e

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

sucinta, a fim de facilitar a absorção por parte dos alunos. No atual século, é importante considerar que muitos educandos vivenciam situações de desfavorecimento, caracterizadas pela escassez de recursos essenciais, falta de infraestrutura adequada, desafios econômicos e socioambientais, entre outros fatores. Logo, já que estão inseridos neste contexto

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total (SANTOS, 1978, p. 171).

Outra questão são as possíveis identificações de riscos que podem ser feitas pelos indivíduos a partir do seu espaço vivido. Nem sempre esses problemas são perceptíveis na nossa paisagem, pois acabam se infiltrando nos nossos hábitos e costumes, entretanto, muitas medidas são tomadas e apresentadas seja por meio desta cartilha, como também em jornais, revistas, sites, entre outros meios. Logo, as cidades se apresentam como uma estrutura complexa, formada por diversas camadas históricas, culturais, políticas, econômicas entre outros aspectos que constituem o cenário urbano.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos dias de hoje, percebe-se a importância do ensino das cidades como um importante norteador dos saberes urbanos e das suas relações. Com isso, a cidade carrega sobre si uma influência na formação do caráter de seus moradores e os permite interagir a todo o instante com o tempo-espaço. Logo, as escolas como instituições educacionais devem estar ligadas com os processos que se inserem a cidades, afim de trabalhar com seus alunos a partir de suas realidades particulares.

Acredita-se que, pensar os indivíduos a serem agentes ativos que questionam, lutam, e refletem sobre sua realidade urbana que estão inseridos. Uma vez que, o ensino das cidades com uma abordagem geográfica é fundamental para ampliar a compreensão do espaço urbano e promover sua preservação. Entretanto, esse demasiado crescimento das cidades por meio da concentração de atividades econômicas e entre outros fatores, colaboram para os impactos ambientais e alterações no espaço. Para isso, a educação sobre riscos ajuda os alunos a entenderem seu ambiente, conectando teoria e realidade em seu contexto. Este trabalho reflete

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

sobre o estudo do espaço urbano e compartilha práticas de ensino baseadas nas experiências dos alunos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB' SABER, A.N. **(Re)conceituando Educação Ambiental**. São Paulo: CNPq/MAST, 1991.

AFONSO, A. E. Geografia da Natureza no ensino de Geografia: propostas para a educação ambiental e preventiva de riscos naturais. **Revista GIRAMUNDO**, Rio de Janeiro, v.2, n. 4. p. 83-93, Jul./Dez. 2015.

\_\_\_\_\_. ARAÚJO, J.; SILVA, J.; SILVA, A; ROSA. Possibilidades para o ensino e aprendizagem em Geografia Física. IN: Anais do XVII ENG, Belo Horizonte. 2012.

ALMEIDA, L.Q. **Riscos ambientais e vulnerabilidades nas cidades brasileiras: conceitos, metodologias e aplicações**. Cultura acadêmica: São Paulo, p.217. 2012.

AMORIM, M. C. C. T. **Teoria e método para estudo das ilhas de calor em cidades tropicais de pequeno e médio porte**. 178f. (Tese de Livre docência) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista; Presidente Prudente-SP, 2017.

BAUMAN. Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

BRANCO, E.P.; ROYER, M.R.; GODOI-BRANCO, A.B. A abordagem da Educação Ambiental nos PCNS, nas DCNS e na BNCC. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 29, n. 1, p. 198, 2018.

BRARDA, A. A.; RIOS, L G. Argumentos e estratégias para a construção da cidade educadora. In: GADOTTI, M.; PADILHA, P. R.; CABEZUDO, A (Org.). **Cidade Educadora: princípios experiências**. São Paulo: Cortez, p. 11-45, 2004.

BRITO, J. A. Caminhos e possibilidades para o ensino de Geografia. **Entrelaçando – Revista Eletrônica de Culturas e Educação**, Ano 3, n. 5, jan./abr., p.60-69, 2012.

CABRAL, T. M; CECIM, J. S. R.,; STRAFORINI, R. A realidade do aluno como tradição pedagógica em disputa na geografia escolar (1920-2020). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 21, p. 1-22, 2021.

CALLAI, H. **A formação do profissional em Geografia**. Ijuí - RS Editora UNIJUI. 1996.

CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **A cidade**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CASTELLAR, S. M. V. **A psicogenética e a aprendizagem de Geografia**. IN: \_\_. Educação Geográfica: teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2005, p.66-78 p. (Geosp: Novas Abordagens).

\_\_\_\_\_.; MUNHOZ, G. B. ARROIO, A. (Orgs.). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012.

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

CAVALCANTI, L. de S. **Aprender sobre a cidade**: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. San José, Costa Rica: Revista Geográfica de América Central, v. 2, p. 1-18, 2001.

\_\_\_\_\_. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 3ª ed. São Paulo: Papyrus, 2008.

CNN BRASIL. **MPF dá prazo de 10 dias para prefeitura de Cabo Frio (RJ) conter impactos ambientais nas praias**. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mpf-da-prazo-de-10-dias-para-prefeitura-de-cabo-frio-rj-conter-impactos-ambientais-nas-praias/>. Acesso em 31 de julho de 2024.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COSTA, R.G.S.; COLESANTI, M.M. A contribuição da percepção ambiental nos estudos de áreas verdes. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 22, p 238-251, 2011.

FERNANDES, M. G. Urbanismo contemporâneo e morfologia urbana nas cidades do norte de Portugal (1852-1926). **Cidades**, n. 8, ano 5, p. 329-354, 2008.

FIORILLO, C. A. **Estatuto da Cidade Comentado: Lei 10.257/2001: Lei do Meio Ambiente Artificial -2ª.ed.rev., atual. e ampli.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2005.

GUERRA, A. J. T. CUNHA, S. B. **Impactos ambientais urbanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.47-95.

G.1. **Lixo, assoreamento, clima, falha de políticas públicas: entenda por que rios do RJ transbordam em chuvas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/01/16/lixo-assoreamento-clima-falha-de-politicas-publicas-entenda-por-que-rios-do-rj-transbordam-em-chuvas.ghtml>. Acesso em: 31 de julho de 2024.

HARVEY. D. A liberdade da cidade. In: MARICATO. E. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomam as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LAMBERT. L.L.M.; FERNANDES. M.L.B. **O estudo do meio na educação ambiental formal: contribuições da ciência geográfica**. **Linhas críticas, Brasília**, D.F. v. 22, no 47, p. 150 -169, 2016.

LEFEBVRE, H. **Espacio y política: El derecho a la ciudad**, II. Barcelona: Ediciones península, 1972.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

MELAZO, G.C. **A percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano**. **Olhares & Trilhas**, v. 6, p. 45-51, 2005.

MONTEIRO, C. A. F. **Teoria e Clima Urbano: um projeto e seus caminhos**. São Paulo. Contexto, 2003.

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, R. **Uma ciência das práticas e saberes espaciais**. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 13, n.2, p. 26, 2017.

OLIVEIRA, J. J. A; CARDOSO, C. **A contribuição do ensino de Geografia na educação para os riscos e os currículos escolares**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 9, n. 17, p. 68-85, 2019.

OLIVEIRA, M. M. **O estudo do meio sobre a cidade e o urbano na geografia: (re)pensar a prática de ensino na escola é necessário?** GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 609-623, dez. 2014.

OLIVEIRA, K.A.; CORONA. H.M.P.A. **Percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais**. ANAP Brasil – Revista Científica, v. 1, n.1, p. 53, 2008.

RAMÃO, F. S. **Ensino da Geografia e Cidade: Construindo uma "Cidade Ideal" com o Conhecimento dos Alunos**. Revista Tamoios, Ano VII, n. 2, p. 71, 2011.

SACRAMENTO, A. C. R., **A Consciência e a mediação dos conhecimentos geográficos pelos professores em sala de aula.**, Revista De Geografía Espacios, 2(3), 41-56.  
<https://doi.org/10.25074/07197209.3.335>

\_\_\_\_\_. **Didática e Educação Geográfica: algumas notas**. Uni-pluriversidad, 10(3), 81-89, 2010.

\_\_\_\_\_. **Diferentes linguagens na educação geográfica da cidade do Rio de Janeiro**. Revista Continentes, ano 1, no1, p. 97-118, 2012.

\_\_\_\_\_. **O estudo da cidade e do cidadão: a classe como intervenção didática para ensinar Geografia**. Revista Geográfica de América Central, [S.l.], v. 1, n. 58, p. 101-123, 2017.

\_\_\_\_\_. SOUZA, C. V. **A produção social do espaço e o ensino da cidade de São Gonçalo**. Revista Geo UECE (Online), v. 5, n. 8, p. 06-32, jan./jun. 2016.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

\_\_\_\_\_. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo, Hucitec, 1994<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. **O Espaço do Cidadão**. 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, C.A.M. **Os Desastres no Rio de Janeiro: Conceitos e Dados**. Rio de Janeiro: Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, 2015, p. 55-71.

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades

SOUZA, M. L. ABC do Desenvolvimento Urbano. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade mundo nos anos iniciais.** São Paulo: Annablume, 2004.

TARÔCO, L.T.; FERREIRA, A. R.; SOUZA, C. J. O. **Geografia e Educação Para o Risco: Uma Abordagem Possível.** Revista Territorium Terram, v. 3, p.54-63, 2015.

VESENTINI, J. W. (Org.). **Geografia e Ensino – textos críticos.** Campinas: Papirus, p.200, 1989.

<sup>1</sup>Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade Formação de Professores.

<sup>2</sup> Orientado por Ana Claudia Ramos Sacramento – Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisas financiadas pelo CNPQ E FAPERJ, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades